

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

SÃO MIGUEL NA TERRA PORTUGUESA E NA ALMA DOS PORTUGUESES.

CHAVES, Luís

Ano: 1956 | Número: 66

Como citar este documento:

CHAVES, Luís, São Miguel na terra portuguesa e na alma dos portugueses. *Revista de Guimarães*, 66 (3-4) Jul.-Dez. 1956, p. 463-502.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

São Miguel na terra portuguesa e na alma dos Portugueses

POR LUÍS CHAVES
do Museu Etnológico do
«Doutor Leite de Vasconcelos» (Lisboa)

1—Justificação deste memorial:

- a) — *afirmação do Prof. Leite de Vasconcelos;*
- b) — *comentário do Prof. Scarlat Lambrino.*

a) — Quando o Prof. Leite de Vasconcelos estudou, no volume 2.º de *Religiões da Lusitania*, o santuário e o culto, mais a significação, do deus lusitano-romano *Endovélico*, localizado perto de Terena (conc.º do Alandroal: Prov. do Alto Alentejo), concluiu o capítulo, dedicado a essa divindade, com um apêndice, em que se refere à cristianização do culto pagão, exercido no local (1).

Transcreve-se o essencial desse apêndice.

— «Depois do séc. V é provavel que [o culto] fosse christianizado; algumas esculpturas de caracter medieval fazem inferir isso (2). Aos Christãos se

(1) J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitania*, vol. II, Lisboa, 1905, págs. 111-146; «Appendice», págs. 145-146.

(2) Vergílio Correia aludiu a pedras ornamentadas, do Período Germânico, pertencentes ao santuário cristão de São Miguel da Mota. Uma pia, cavada em pedra rectangular e um tabuleiro decorativo, também de pedra, foram encontrados nas ruínas e estão no Museu Etnológico (Secção Germânica): *História de Portugal*, Barcelos, Vol. I, 1929, págs. 373-374, 378-379, 383-384, *passim*. Foi reproduzida, na pág. 373, a «Planta do destruído santuário de S. Miguel da Mota (Alandroal), segundo desenho de Gabriel Pereira».

Observe-se que, às mutilações antigas, provocadas pelo zelo religioso, temos de acrescentar as que posteriormente, em

deve attribuir a mutilação das estatuas e de muitas inscrições. Os monumentos grandes escaparam em parte, por causa do seu volume. *É notorio o furor com que os primeiros Christãos destruíam os idolos e os monumentos attinentes a elles.*

« Modernamente no local do velho templo pagão apparece-nos o de S. Miguel, que está hoje destruído. D'este tempo a mais antiga noticia, que ha, data apenas do sec. xvii, pois o que no sec. xvi diz Resende não é bem explicito; deve porém a invocação ser primitiva, pois sabe-se que *os Christãos dos primeiros tempos olhavam aquelle santo como um dos genios tutelares da medicina* (1), e é pois natural que a designação de *S. Miguel succedesse immediatamente à de Endovellico* ».

No vol. 1.º de *O Archeologo Português*, de 1895, já se referira à cristianização dos cultos pagãos e dos seus santuários. Igualmente se transcreve o que deixou aí escrito (2). É também *Endovélico-São Miguel*.

— « O Christianismo, luctando com o Paganismo, nem sempre o extinguiu: a maior parte das vezes *substituiu-se a elle*. Por isso o nosso mundo moderno está mais próximo do passado do que à primeira vista parece.

« No caso presente, escolheu-se *S. Miguel* para successor de Endovellico, deus da saude, porque *aquelle santo foi olhado pelos christãos como um dos genios tutelares da medicina*. D'aquí o cha-

todos os tempos até hoje, continuaram a fazer-se ali, no Outeiro de Endovélico, e em todos os nossos monumentos archeológicos e históricos: umas vezes, por superstição (e recordemos a cobiça dos «tesouros escondidos»), outras vezes, pela prêsa das pedras à mão; nem os castelos medievais escaparam, apesar do «seu volume», muito maior do que o do santuário do deus lusitano. O que se deu com este, repetiu-se mais tarde com o de São Miguel.

(1) O itálico destes passos essenciaes não é do autor transcrito, como também o não é o do immediato.

(2) *O Archeologo Português*, vol. I, Lisboa, 1895: « Monumento do deus Endovellico », págs. 43-46: no final, p. 46.

mar-se o monte *S. Miguel*, a que se accrescentou *da Mota*, por ser este o nome de um sítio vizinho ».

Cita A. Maury: *La Magie et l'Astrologie*; e acrescenta: — « É pelo mesmo motivo que em muitas *pharmacias* se costuma collocar a imagem de *S. Miguel*, como patrono » (1).

b) — O Sr. Prof. *Scarlat Lambrino* (Universidade de Lisboa) publicou em 1952, no *Bulletin des Études Portugaises* (Coimbra), o estudo intitulado *Le Dieu Lusitanien Endovellicus*.

O último parágrafo, neste magnífico estudo, aborda o assunto contido na transcrição, acabada de fazer, do Prof. *Leite de Vasconcelos*; fá-lo sob a rubrica « *Endovellicus et Saint-Michel* ». Transcreve-se igualmente o que mais importa.

— « Il est vrai que *Saint Michel*, comme le dit *Dom H. Leclercq*, s'est substitué dès les débuts du christianisme à diverses divinités païennes, héritant de quelques-unes de leurs attributions surtout médicales. Ainsi à *Hiéropolis* il aurait remplacé le dieu des sources thermales. Près de *Constantinople*, il eut, dès le IV.^e siècle, une église où il apparaissait avec les attributions d'un dieu-médecin antérieur: lá, les malades pratiquaient l'*incubatio* comme à *Epidaure*. Mais, s'il a eu dès le commencement cette qualité de patron de la médecine, il en avait une autre non moins importante. L'Archange était le « *psychopompe* » par excellence et les *Apochryphes* lui avaient attribué de bonne heure les fonctions de *praepositus paradisi*; les *Oracles Sibyllins* disent qu'il partage avec *Gabriel*, *Raphael* et *Uriel* la charge de conduire toutes les âmes devant le tribunal de Dieu. S'il n'était pas un *Saint-médecin* à *S. Miguel da Mota*, c'est que l'Archange s'y est substitué à l'ancienne divinité païenne en sa qualité de *psychopompe* et de *praepositus paradisi*. Ces fonctions que lui reconnaissent les chrétiens, en faisaient l'équivalent, en quelque sorte, du maître du monde de l'au-delà. Mais, si le paradis dont il a la charge

(1) *Id.*: pág. 46, n.º 1.

se trouve au ciel, n'oublions pas que, à l'époque romaine, Endovellicus lui-même, bien que souverain du monde souterrain au début, semble être devenu, comme Sucellus en Gaule, un dieu du ciel».

*

Lembra, depois, que esta construção do templo em S. Miguel da Mota, no alto da colina, seguiu a prática usada em outros lugares: *Monte Gargano* (Itália), *Mont-de-Saint-Michel* (França), *Saint-Gall*, etc., onde não era adorado o Arcanjo por suas virtudes medicinais. Depois de 492, ano da aparição do Arcanjo no Monte Gargano, o culto espalhou-se pela Itália, França e Suíça. Bonifácio III ou IV, em 607 ou 608, mandou levantar no cimo do mausoléu de Adriano, em Roma, uma igreja em forma de cripta (*cryptatum*), consagrada a S. Miguel. O arcebispo de Avranches (Mancha), Saint Aubert, dedicou-lhe um templo no Mont-Saint-Michel; como não havia aí gruta natural, mandou fazer uma, que reproduzisse a da aparição do Arcanjo no Monte Gargano.

— «A S. Miguel da Mota, aura-t-on eu besoin de creuser une grotte artificielle à l'arrivée de Saint Michel, ou bien existait-elle antérieurement? Il est possible que la colline d'Endovellicus offrît déjà les conditions requises pour l'Archange gardien du paradis céleste».

*

«Sa qualité essentielle reste cependant celle de représentant et exécuteur de la justice divine: al apparaît *de ordinario* [...] sur les retables tenant à la main une balance où il pèse les péchés des âmes dans le purgatoire» (L. Chaves, *Os Registos de Santos*, A. P. XXII, 1917, (1) p. 375). C'est donc toujours le rôle de gardien du paradis qui est son attribution dominante dans toute la région orientale de la péninsule jusqu'aux temps les plus récents.

(1) A. P. abreviatura de *O Archeologo Português*.

De cette manière, on s'explique la présence de l'église isolée, consacrée à Saint-Michel sur une hauteur et dans un endroit désert. En même temps, se trouve vérifiée et confirmée la qualité essentielle du dieu Endovellicus, en qui les Lusitaniens et les Romains ont révééré le maître du monde souterrain et la divinité qui assure la félicité éternelle. Depuis l'âge du bronze jusqu'à la fin du paganisme, la colline sacrée n'a pas cessé d'attirer les fidèles Lusitaniens, Celtes et Romains, qui venaient de loin faire leurs dévotions au grand dieu. Son culte y attesté jusqu'au III.^e siècle, peut-être même jusqu'à sa fin. Après la victoire du christianisme, le sanctuaire a été aboli et les images du culte détruites.

[...] D'autre part, les chrétiens, appréciant la valeur du site sacré et tenant compte du prestige dont il jouissait encore parmi les populations locales, ont construit avec les monuments de l'endroit une église consacrée à Saint Michel, le *praepositus paradisi*. L'Archange a ainsi accompli sa mission d'anéantir à jamais, en se substituant à lui, l'antique dieu du monde infernal» (1).

Foram, por certo, longas em demasia as transcrições dos trabalhos dos dois ilustres homens de Ciência. O segundo esclarece o primeiro, e justifica plenamente a presença de *S. Miguel* no local do santuário pagão do deus lusitano *Endovéllico*, romanizado em *Endovellicus* e *Endovollicus*. Eram, porém, necessárias para ponto de partida e base deste memorial. A este nos incitou o próprio Prof. Scarlat Lambrino.

2 — Quem é São Miguel?

O templo do Outeiro de S. Miguel da Mota, que substituiu o de Endovéllico, era, já o sabemos, e logo induzimos do topónimo actual, cristão. O orago era

(1) Scarlat Lambrino, *Le Dieu Lusitanien Endovellicus*, em *Bulletin des Études Portugaises*, Coimbra, 1952: — «Endovellicus et Saint Michel», págs. 54-58.

de *S. Miguel*, que, da sua presença, estendeu o nome ao acidente orográfico; um Santo, pois, da Igreja de Cristo, inscrito no calendário, e venerado pelo Catolicismo nas regras e na inspiração da sua Liturgia. Mais, ainda, que um Santo, é um Arcanjo, um e distinto na ordem angélica, o primeiro entre os Arcanjos, «Capitão-general de todos os Anjos» (S. Basílio), *Praepositus Paradisi* (ver Lambrino).

Que o fez surgir nesse outeiro alentejano, onde foi consagrado o deus Endovélico, *genius loci* (Leite de Vasconcelos), entre cujos atributos esteve o de «deus da saúde» (Leite de Vasconcelos e Scarlat Lambrino)? «Deus da saúde», como um Endovélico dos Cristãos? Ou *Praepositus Paradisi* (Lambrino), sem convivências pagãs, e celeste cristianizador de um culto condenado, ali salvador e guia dos que procuravam o auxílio do *genius loci*, e era necessário agora levar a Jesus Cristo?

A observação de ser «notório o furor com que os primeiros Christãos destruíam os ídolos e os monumentos attinentes a elles» (Leite de Vasconcelos) está historicamente certa. O facto foi geral, e seria estranho que não se desse aqui também. Onde os Cristãos viam os vestígios do culto pagão, condenado na *Mensagem de Cristo*, rápido os destruíam e pretendiam apagar. O Paganismo oficial, religião do Estado romano, defendeu-se com o martírio dos Cristãos em toda a extensão do Império e com o confisco ou destruição dos seus templos; a Lusitânia era uma Província do Império; a ela se estenderam as perseguições, que atingiram paroxismos de destruição e requintes de «furor».

Quando com Teodósio (379-395), depois da liberdade religiosa concedida por Constantino em 313, a religião cristã saiu vencedora dos séculos das perseguições e dos martírios, não era de estranhar que os Cristãos procedessem à cristianização de toda a vida dos homens e da sua sociedade. Fortíssima era a fama dos lugares em que os homens do Paganismo faziam intervir os poderes dos deuses nas curas dos doentes e nos auxílios permanentes da vida, principalmente nos templos, urbanos e rurais. Por isso, ocorreu a incidência da vindicta e do «furor»

da destruição das imagens abominadas e dos seus templos pecaminosos, império do Dragão satânico. Era a luta contra Satã, inimigo de Cristo, a quem tentou submeter arditamente ao seu poder, inimigo de Deus, que o expulsou do Paraíso. Tudo, que se opunha ao Cristianismo e o contrariava, provinha da hostilidade satânica. Destruir quanto Cristo condenara, significava construir material a espiritualmente a Ordem Nova, a Ordem Cristã, a «Cidade de Deus» (Santo Agostinho). Onde desaparecia um padrão dos vencidos, surgia um padrão dos vencedores. A um templo sucedia outro, a um *sacellum* uma capela ou ermida, a uma invocação satânica uma invocação cristã. A um mundo sucedia outro, com luz nova e novo espírito.

Em muitos lugares foi invocado S. Miguel e S. Miguel-o-Anjo. Por que razões, ao longo do Império Romano, e não apenas aqui, nesta Província extrema do Ocidente, houve, da parte dos Cristãos, esta preferência por S. Miguel?

Mercúrio, introdutor das almas, em Saint-Michel da Vendaia, guia dos homens e seu protector nos caminhos da terra, que dominava das alturas, foi substituído por S. Miguel, o vencedor de Satã, expulso do Céu e relegado para o Inferno, bem nas profundezas da terra. Como cá (*Endovélico-São Miguel*), à substituição das religiões correspondia a dos topónimos (*Saint Michel-San Michele-São Miguel*).

Os deuses medicinais, desde Hierápole e do Epidauro até as nossas termas de Vizela e as águas de Endovélico, cederam a proeminência a S. Miguel, como a outros santos, e não a ele só; estes substituíram as invocações pagãs. Mas foi S. Miguel o de maiores preferências.

Um templo cristão em breve substituiu o de Hierápole, na Frígia; próximo de Constantinopla (séc. iv) e no Epidauro, o Arcanjo foi invocado como anteriormente o *genius*, e os doentes, na *incubatio*, recebiam em sonhos a indicação da cura; nas termas de Vizela (Minho), uma das freguesias de região termal, rica de vestígios da ocupação romana e da exploração das águas da saúde, tem o orago de S. Miguel; o lugar de Endovélico, deus da saúde,

genius loci, foi ocupado por S. Miguel, cujo nome formou o topónimo local de S. Miguel da Mota.

Nestes lugares, de facto, S. Miguel ficou em lugar de deuses curandeiros. E, por que não foi outra a invocação cristã em lugares onde não há vestígios de águas curativas?

Mgr. Miguel de Oliveira publicou em 1940, na *Revista de Guimarães*, um estudo intitulado «As paróquias rurais portuguesas». Salieta nele que, aos lugares santos dos castros, sucederam em regra simples ermidas. As igrejas, que mais frequentemente se desenvolveram em paróquias, foram as dos *vici*; basta imaginar a conversão dos *vicini* ao Cristianismo, a substituição dos templos gentílicos por templos cristãos e a designação de um sacerdote para reger espiritualmente a comunidade, e teremos a ideia duma paróquia rural. Acrescenta esta observação: «no fim da época romana deviam ser ainda muito raras as paróquias rurais» (1).

Cada ermida e cada igreja, paroquial ou não, tinha a sua invocação ou orago. Vamos encontrá-las, cada uma com o seu. De cerca de duas centenas e meia de freguesias portuguesas com S. Miguel por orago, a que teremos de juntar numerosas igrejas e capelas extra-paroquiais, quantas provêm de fundações primitivas sobre ruínas ou a par de ruínas de santuários pagãos, depois ampliadas e renovadas ou restauradas!

Com o topónimo de *S. Miguel-o-Anjo*, bem definidamente «o Anjo», há em Portugal uma freguesia no concelho de Vila Nova de Gaia (Prov. do Douro Litoral) e dois castros em ruínas, um no concelho de Arcos de Valdevez (Minho), na freguesia

(1) *Revista de Guimarães*, volume especial, comemorativo dos centenários da Fundação e da Restauração de Portugal, edição da Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães, MCMXL; Mgr. Miguel de Oliveira, «As paróquias rurais portuguesas: sua origem e formação», págs. 19-32; cit., pág. 21. A propósito se diga que o mesmo A. se referiu à destruição dos ídolos e dos templos pagãos, na *História Eclesiástica de Portugal*, Lisboa, 1940, pág. 28.

de Ázere ⁽¹⁾, outro no de Vila Nova de Famalicão (Minho), na freguesia de Delães.

No alto do castro de S. Miguel-o-Anjo (Ázere) existem as ruínas de uma capela, «que fôra da invocação de S. Miguel» ⁽²⁾. Numa eminência, mais elevada que a do castro, nota-se «a toponímia expressiva *Alto das Igrejas*» ⁽³⁾, que deve atender-se como sinal de cristianização dessa zona, onde não restam vestígios de banhos, e S. Miguel imperou.

Recentemente, foram publicados dois trabalhos acerca de *S. Miguel de Odrinhas*, no concelho de Sintra (Prov. da Estremadura): Scarlat Lambrino, *Les inscriptions de São Miguel d'Odrinhas* ⁽⁴⁾, e Fernando Bandeira Ferreira, *Notícia de três inscrições lusitano-romanas de Janas e de S. Miguel de Odrinhas*, ⁽⁵⁾; já se lhe haviam referido anteriormente Félix Alves Pereira ⁽⁶⁾, e Vergílio Correia ⁽⁷⁾, para não aludirmos a referências antigas, desde o

(1) Félix Alves Pereira, em *O Archeólogo Português*, vol. I, Lisboa, 1895, págs. 161-175; vol. IV, 1898, págs. 231-238; vol. XIV, 1909, págs. 310-314.

(2) F. A. Pereira, *Id.*, vol. I, pág. 161, nota 1: «uma ermidazinha dedicada a S. Miguel, a qual jaz hoje em ruínas»; e vol. IV, pág. 231.

(3) F. A. Pereira, *Id.*, vol. XIV, pág. 312.

(4) Scarlat Lambrino, *Les Inscriptions de São Miguel d'Odrinhas*, no *Bulletin des Études Portugaises*, Coimbra, 1953, págs. 721.

(5) Fernando Bandeira Ferreira, *Notícia de três inscrições lusitano-romanas de Janas e de São Miguel de Odrinhas*, em *Brotéria*, vol. LXI, Lisboa, 1955, págs. 414-424. Devemos acrescentar: Joaquim Fontes, *Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas*, Sintra, 1955; e Mário Cardozo, *Catálogo das Inscrições lapidares do Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas*, Sintra, 1956.

(6) Félix Alves Pereira, «O Mausoleu romano em Odrinhas», no jornal de Lisboa, «Diário de Notícias», de 31-10-1934, e «Grande lápida em S. Miguel de Odrinhas (Sintra)», no mesmo jornal, 25-12-1934; e em *O Archeólogo Português*, vol. XIX, 1914, págs. 335 e ss.

(7) Vergílio Correia, «No concelho de Sintra. Escavações e excursões», em *O Archeólogo Português*, vol. I, XIX, 1914, pág. 201, e «O Domínio Romano», em *Hist. de Portugal*, Barcelos, vol. I, pág. 374.

séc. XVI, cuja bibliografia o Sr. Prof. Lambrino reuniu no final do trabalho mencionado.

Aludiu-se a Janas, com os seus evidentes e já apontados vestígios romanos ⁽¹⁾. O santuário aí existente, não longe do de S. Miguel de Odrinhas, é dedicado a S. Mamede: aldeia de S. Mamede de Janas.

Em nenhuma destas estações arqueológicas, como em outras adiante mencionadas, há indícios de termas, e, em paridade e vizinhança, se em Odrinhas o orago é São Miguel, em Janas é São Mamede, o que denota já uma diferenciação na escolha, mas, no primeiro lugar, a persistência da invocação do Arcanjo.

Em muitos casos, a invocação é primitiva, como se depreende da necessária substituição de cultos pagãos pelo culto cristão, em termas, em castros, em necrópoles, como a de Odrinhas, em eminên-

(1) Vergílio Correia, «No concelho de Sintra. Escavações e excursões», em *O Archeólogo Português*, vol. XIX, Lisboa, 1914, págs. 211-214; «A festa de S. Mamede de Janas», em *Terra Portuguesa*, Ano 3.º, n.ºs 27-28, de Outubro-Novembro de 1918, pág. 45, nota de arqueologia numa notícia etnográfica, e na *História de Portugal*, Barcelos, vol. I, 1928, págs. 384-385. — Fernando Bandeira Ferreira, no jornal de Lisboa, *A Voz*, Suplemento Literário — *Basar*, (Série IV, n.º 86) de 18-II-1956, — «Os supostos restos romanos de S. Mamede de Janas — Hipóteses e problemas» (págs. 237-239), lança a hipótese interpretativa do topónimo «Janas», «de que era muito plausível a existência, na colina de S. Mamede, de um santuário pagão» e, mais ainda, que *esse santuário podia ter sido dedicado a Diana* (pág. 238, 3.ª col.ª). A aliciente hipótese, depois desenvolvida no mesmo lugar, apresenta, para o caso em discussão, dois topónimos próximos, territorialmente, e duas invocações distintas para oportunidades iguais: a cristianização, num dos lugares, sob o patrocínio de São Miguel (mais antiga? numa coordenação de factos aí convergentes?), em outro, sob a de São Mamede (centro de culto, agrário?). Apenas se explica pela confusão que provocaria a repetição invocativa? Ou, em consequência do poder de Diana, protectora dos animais silvestres e, por extensão, dos gados, São Mamede (repare-se no antropónimo) substituiria aqui São Miguel, reservado para influir nos homens, à margem dos animais?

cias, etc., nos lugares em que o «conductor das almas» e guia dos caminhos da terra, como era o dos caminhos do Céu, tinha de estar aos olhos dos homens, para os levar a Cristo e às sendas da vida cristã. Um lógico e evidente sincretismo romano-cristão ou pagão-cristão, sobre tudo nas manifestações de crenças naturalistas, fez prolongar a presença dos espíritos protectores, onde se impunha substituir os poderes antigos pelos interventores cristãos. Compreende-se que, aos génios e deuses pagãos, succedessem os Santos, e estes recebessem dos crentes os atributos das divindades substituídas pela vitória do Cristianismo: aí temos São Miguel na maior parte dos lugares, onde os doentes recorriam aos deuses da saúde ou deuses-médicos, Esculápio ou Endovélio, e nos cimos, a proteger os viandantes, função de Mercúrio. Não é preciso tecer subtilidades, para o compreender e justificar.

Em ruínas de povoações, estabelecimentos militares, santuários, instituições termas do Paganismo, surge de preferência, como paladino primacial do Cristianismo vitorioso, o Arcanjo S. Miguel. «Preboste do Céu» (Leclercq), foi o vencedor do Dragão no Paraíso, sê-lo-ia na terra, e a ele recorriam os homens do Credo novo. Entronizavam-no onde crenças ou ritos impunham as divindades pagãs, houvesse ou não águas medicinais, em altitudes, junto de precipícios, em grutas, santuários, *sacella*, dentro e fora de povoados. S. Miguel no alto dos castros; S. Miguel nas termas, nas nascentes, nas águas fundas e misteriosas; S. Miguel nas cumiadas, *in summitate, in fastigio*, para ser avistado de longe, e de longe proteger os viandantes; o culto generalizado originou santuários, que por toda a parte lhe foram dedicados em lugares de tradições pagãs e em eminências, a que se ligavam crenças comuns.

O Sr. Prof. Scarlat Lambrino mencionou os santuários do Monte Gargano, do Monte de Saint-Michel e de Saint-Gall.

A notícia da aparição do Arcanjo no Monte Gargano, em Colossas, numa cova ou lapa, e do desejo por ele manifestado de lhe erguerem aí um

templo, onde fosse venerado com a côrte celestial, criou no séc. v um tipo de santuários de cripta, que se generalizou no Ocidente cristão. Foram os do Monte Adriano (séc. vii), de Saint-Michel-au-Peril-de-Mer na Armórica (séc. viii), do Monte Gauro, em Sorrente (séc. ix), do Monte Solaro, em Capri, etc.

E, entre nós, o Outeiro de S. Miguel da Mota (Alentejo)? E a Serra de S. Miguel com o Monte ou Pico de S. Miguel, e em cima o Castro de S. Miguel, perto da vila de Amêndoa, no concelho de Mação (Prov. da Beira Baixa) (1)? E *São Miguel do Monte*, no Monte de São Miguel, em Fafe? E o *Monte de São Miguel*, em Corvite (Guimarães)? E tantos outros montes e topónimos, em lugares de vestígios de povoações ou estabelecimentos antigos, prè-romanos, romanos, árabes . . .

A diocese de Braga data do começo do séc. iii, talvez, e seria a única da Galécia em território do moderno Portugal. Poderá dizer-se que, nos princípios do séc. v, a população hispano-romana era cristã (2). Idácio, bispo de *Aquae Flaviae* (actual cidade de Chaves, em Trás-os-Montes), no séc. v, Santo Isídoro de Sevilha e Isídoro Pacense ou de Beja, respectivamente nos séc. vii e viii, dão-nos em suas crônicas informações abundantes das lutas religiosas do Período Germânico (3), mas é a personalidade forte de São Martinho de Dume, séc. vi, que nos faculta maior e mais viva notícia da actividade do Período em benefício da cristianização desses povos.

Em *De Correctione Rusticorum* e nos *Canones* reflecte-se a resistência das populações rurais ao Cristianismo, e observa-se a persistência penetrante dos concílios no obra comum.

(1) Eugénio Jalhay, «O Castro de S. Miguel (Amêndoa — Beira Baixa)», em *Revista de Guimarães*, vol. LIX, 1949, págs. 137-148; referência ao castro em *Brotéria*, Lisboa, vol. XLVIII—«Lápides romanas dos arredores de Mação (Beira Baixa)», 1949, pág. 226.

(2) Miguel de Oliveira, *História Eclesiástica de Portugal*, já cit., págs. 26 e 28.

(3) Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitania* vol. III, Lisboa, 1913, págs. 545-575.

As repetidas e sucessivas Constituições episcopais contra a continuidade dos erros pagãos, como ainda hoje a prática ou pelo menos a superstição inerte, com que topamos em toda a escala social, sobre tudo nas camadas populares e da baixa burguesia, revelam a teimosa continuidade em muitas evidências do naturalismo pagão.

Que admira a necessidade premente de cristianizar os lugares, as crenças, os costumes, a que andava ligado o Paganismo? Cristianização nas três dimensões: na superfície da terra, nas profundezas dos antros e das cavernas, nas alturas dominantes, cá e lá fora.

Nas cavernas, desde a sugestiva aparição do Arcanjo no monte Gargano, em 492, num antro de feras, a que porventura andasse presa a lida do culto pagão, fundaram-se templos, e ergueram-se outros com a cripta consagrada. Nos altos surgiram santuários, como os de Saint-Gall e Saint-Riquier, na Suíça; com os altares de São Miguel, *Sancti Michaelis in summitate*, inscrições votivas do lado Norte e Sul, pontos de referência dos viandantes para orientação nos caminhos, em Saint-Gall; e na porta ocidental, em Saint-Riquier, o seu altar.

Afirmou-se que São Miguel pedira que na caverna de Gargano se fundasse um templo, dedicado não a ele, mas a todos os Arcanjos; por isso, São Gabriel teve também os seus altares nas alturas, os de *Sancti Gabrielis in fastigio*; como no santuário de Saint-Riquier, o altar de São Miguel estava *in porta occidentali*, era o de São Gabriel *in porta australi*, e o de São Rafael *in porta septentrionali*.

Os sinos, no alto das torres, eram consagrados a São Miguel, e recebiam legendas alusivas. Na torre medieval da Sé de Lisboa, o «sino do relógio» tinha uma oração em honra do Anjo Custódio ⁽¹⁾.

(1) Borges de Figueiredo, em *Revista Archeológica*, vol. IV, págs. 177; Vieira da Silva, *As Muralhas da Ribeira de Lisboa*, Lisboa, 1900, págs. 18. Félix Alves Pereira, em *O Archeólogo Português*, vol. XXX, (1956), págs. 10 e 12.

Sobre as ruínas de templos e de túmulos romanos fundavam-se santuários dedicados a São Miguel, como entre nós o de (1) São Miguel da Mota (sobre o de Endovélico), em Itália sobre o túmulo de Adriano, em Roma, sobre a «Roba di Tiberio» no «Salto di Tiberio», na ilha de Capri (2).

Bonifácio IV (Pontificado de 608-615) mandou edificar em 614 no Circo de Roma um templo dedicado aos espíritos angélicos, que sustentavam e confortavam os mártires cristãos na hora suprema do martírio, e favoreciam os confesores na paz, para que não sofressem na Caridade (3).

Acantonados no Norte de Itália, à vista dos Alpes, os Lombardos tomaram São Miguel por seu patrono, e as moedas representavam o protector da Nação; só em Pavia correram sete moedas do tipo.

No Império Bizantino, houve, desde o séc. IX ao séc. XIII, oito imperadores com o nome de Miguel, em espírito de continuidade na devoção tradicional (4).

(1) Bonifácio III (607) ou Bonifácio IV (608-615) mandou levantar no alto do túmulo de Adriano um templo em forma de cripta (*cryptatum*) consagrado a São Miguel (607 ou 608); é o «Castelo de Santo Angelo». O Arcebispo francês de Avranches (na Mancha), Saint Aubert, dedicou ao Arcanjo o templo de Mont-de-Saint-Michel com uma cripta artificial, à falta da natural. A propósito do santuário de São Miguel da Mota, pensa o Prof. S. Lambrino: — «*Il est possible que la colline d'Endovellicus offrît déjà les conditions requises pour l'Archange gardien du paradis céleste*».

Não tendo sido feitas escavações no outeiro e nas ruínas da capela cristã, não se pode confirmar ou pôr de lado esta hipótese da existência de gruta ou cripta.

(2) Vid. Axel Munthe, *Le Livre de San Michele*, trad. francesa de Paul Rodocanachi, 1945. Observem-se as invocações e topónimos: capela de «San Michele», «Boulevard de de San Michele». A «petite chapelle en ruines» fica sobre o Monte Solaro, rodeada de colunas, capitéis, fragmentos de estátuas.

(3) «*Martyres in persecutione tegunt a fide, confessores in pace, ne torpescant a charitate*». *Petrus Ab. Cellensis, Mystica*, Lib. I.

(4) Miguel I, 811-81, Miguel II, 820-829, Miguel III, 842-867, Miguel IV, 1034-1041, Miguel V, 1041-1042, Miguel VI, 1056-1057, Miguel VII, 1071-1078, e Miguel VIII, o Paleólogo, chefe da dinastia dos Paleólogos, 1259-1282.

Príncipes instituíram ordens religiosas de cavalaria, como, em Portugal, D. Afonso Henriques, a de «São Miguel da Ala», séc. XII, (1) e, em França, Luís XI a «Ordem de São Miguel», em 1469.

Vemos o vulto, que São Miguel foi tomando no Cristianismo, desde o começo da sua expansão no mundo romano, e se estendeu sem cessar pelos séculos adiante.

Esta intervenção está longe de ser ocasional. Teve a sua origem longínqua. Formou-se antes do Cristianismo, com um sentido, que não podia ser estranho à tradição e à formação da doutrina.

E os Cristãos primitivos sabiam-no? Pudera! Se o não haviam de saber! Então os textos sagrados? Verifiquêmo-lo nestes, para não se ter de recorrer aos Apócrifos do Velho e do Novo Testamento, ora romanceados, ora tendenciosos.

Daniel (X, 21): annuntiabo tibi quod expressum est in scriptura veritatis: & nemo est adiutor meus in omnibus his, nisi Michael princeps vester.

São Miguel foi auxílio e sustentáculo do Profeta no cativo, como depois, no período das perseguições de Roma aos Cristãos, se cria que animava os Mártires.

Isaias (XXXV, 7-8), sem aludir directamente ao Arcanjo, referiu-se aos dramáticos lugares, habitados pelos dragões:

Et quae erat arida erit in stagnum, & sitiens in fontes aquarum. In cubilibus, in

(1) A instituição da «Ordem de São Miguel da Ala» nem é de afirmar, nem de negar. Muitos autores se referiram a ela; anda na tradição histórica; mas falta-lhe o documento de prova. Que seja provável ou possível que tenha sido instituída por D. Afonso Henriques, deve admitir-se pela devoção do Príncipe ao Arcanjo, como foi dito.

quibus prius dracones habitabant, orietur viror calami, & iunci. Et erit ibi semina & via, & via sancta vocabitur.

Barónio (anno Christi 60) comentou o passo, aplicando a Profecia à aparição do Arcanjo na gruta do Monte Gargano (Itália): o Profeta anunciava a transformação dos homens, quando Jesus Cristo descesse à Terra: a Natureza, de trágica, tornar-se-ia paradisíaca; transformavam-se os homens, e viam com outros olhos, outra alma, a terra, que Jesus pisava (1).

Laetabitur deserta, & in via, & exultabit solitudo, & florebit quasi lilium. Germinans germinabit, & exultabit laetabunda & laudans: gloria Libani data est ei: decor Carmeli, & Saron, ipsi videbunt gloriam Domini, & decorem Dei nostri.

Esta visão lírica de Isaias (XXXV, 1-2), em que a terra se apresentava com as delícias do Líbano, do Carmelo e do Saró, relacionava-se espiritualmente com o Arcanjo, vencedor de Satã, «*qui seducit universum orbem*».

Daniel afirmou que São Miguel era o «*guardião da Sinagoga*» (X, 21, XII, 1). E, noutro passo: «*In tempore ille consurget Michael princeps magnus, qui stat pro filiis populi sui: & veniet tempus quale non fuit ab eo ex quo gentes esse coeperunt eisque ad tempus illud.*» (XII, 1).

São João, no Apocalipse: «*Et factum est praelium magnum in caelo: Michael, & Angeli eius praeliebantur cum dracone, & draco pugnat, & angeli eius: Et non valuerunt, neque locutus inventus est eorum amplius in caelo. Et proiec-tus est draco ille magnus, serpens antiquus,*

(1) Barónio, fl. 667. Vid. Fr. António Feio, *Tratados das Festas e Vidas dos Santos*, Lisboa, 1612, fls. 39 e ss.

qui vocatur diabolus, & satanas, qui seducit universum orbem: & proiectus est in terram, & angeli eius cum illo missi sunt. Et audivi vocem magnam in caelo dicentem: Nunc facta est salus, & virtus, & regnum Dei nostri, & potestas Christi eius». (XII, 7-10).

Por seu turno, São Judas, na *Epistola Catholica*:— «*Cum Michael Archangelus cum diabolo disputans altercetur de Moysi corpore, non est ausus iudicium inferre blasphemiae: sed dixit: Imperet tibi Dominus*». (Ep. 9).

O próprio nome hebraico, Michael, significava «*Quis ut Deus?*», — «*Quem é como Deus?*»

Do nome aos factos e às funções desempenhadas, sugerentes de atributos constantes, quem não havia de conhecer o Arcanjo?

Monsabré, o notável prégador e conferencista de Notre-Dame de Paris, saudou os Arcanjos, em globo, eloquentemente, com estas palavras:— «*O Vous qui annoncez les grands événements et accomplissez les missions sublimes, salut, Archanges*» (1).

Por ser São Miguel o Príncipe desta milícia, a saudação solene atingia-o em primeiro lugar. *Princeps*, o Primeiro. *Princeps magnus* (*Daniel*, XII, 1).

Os doutores da Igreja consideraram por muito provável que ela tomou por seu Anjo da Guarda o Arcanjo São Miguel, como herdeira da Sinagoga, que o tinha proclamado seu guardião. Nas pregações ambulantes dos Apóstolos, frequentemente eles reuniam nas sinagogas Judeus e Cristãos. Confirmam-no os *Actos dos Apóstolos*; nas cidades do Império Romano, aonde eles se dirigiam, pregavam nas sinagogas a auditórios, que os recebiam na pregação da divindade de Jesus Cristo e da sua Igreja: Em Antioquia (XIII, 14 e 42), Atenas (XVII, 17), Bereia, na Macedónia (XVII, 10), Corinto (XVIII, 4), Éfeso (XVIII, 19 e 26; XIX, 8), Icónia (XIV, 1), Salamina (XIII, 4), Tessalónica (XVII, 1), etc., em

(1) Monsabré, 15.º Conférence de Notre-Dame, 1875, pág. 167.

que participou principalmente São Paulo, com São Barnabé, reuniam multidões, de que brotavam muitas e sensacionais conversões. Foi em Antióquia que os Cristãos receberam esta designação (XI, 26).

Não devemos olvidar o que o nosso P.^e António Vieira disse no «Sermão de Todos os Santos», prégado no Convento de Odivelas (próximo de Lisboa, no concelho de Loures, limitrofe da Capital portuguesa) em 1643.

«Houve no céu entre os anjos aquella grande batalha que sabemos: Lucifer com os máos rebelou-se contra Deus, *S. Miguel com os bons seguiu as partes do seu Senhor: estes venceram, aquelles foram vencidos*; e que ganharam os que ganharam a victoria, que perderam os que perderam a batalha? Nenhuma outra coisa mais o ser ou não ser sanctos. Os que ganharam a victoria, ganharam o ser sanctos, porque ficaram confirmados em graça; os que perderam a batalha, perderam o ser sanctos, por que ficaram privados da mesma graça e em tudo o mais que tinham por natureza, ficaram como d'antes eram (1).

«De sorte que a principal differença que então houve e hoje ha entre Miguel e Lucifer é que *Miguel chama-se S. Miguel e Lucifer não se chama Sancto*» (2).

A Liturgia da Igreja mantém a invocação a São Miguel, «Príncipe de Deus» (*Daniel*), «vencedor do dragão» (*Apocalipse* e *São Judas*), que também poderia declarar-se, como o Arcanjo Rafael, *unus ex septem qui astantur ante Dominum* (*Tobias*, XII, 15).

Vejámo-lo na celebração da Missa, o acto mais importante de toda a Liturgia.

No «Confiteor»: — *Confiteor Deo omnipotenti, Beatae Mariae semper Virgini, Beato Michaeli Archangeli*

(1) P.^e António Vieira, *Sermões*, edição de «Obras Completas», comemorativa do bi-centenário da morte do extraordinário orador sacro, vol. II, Lisboa, 1898, pág. 417. O itálico é da transcrição.

(2) *Id. id.*, pág. 418.

gelo [...] *Ideo precor Beatam Mariam semper Virginem, Beatum Michaellem Archangelum* . . . Quatro vezes o Arcanjo é invocado, duas pelo celebrante e outras duas pelo seu acólito. Repete-se a invocação no momento em que o sacerdote vai distribuir a Comunhão pelos fiéis, que assistem à Missa.

Ao «Ofertório», diz o celebrante, quando benze o incenso: *Per intercessionem beati Michaelis Archangelii stantis a dextris altaris incensi* . . .

Nas Missas de *Requiem*, ao «Ofertório», os fiéis seguem pelo «Missal Romano» a invocação: [...] preservai-as [as almas dos defuntos] da boca do leão infernal; que as não sepulte o Inferno, e não caiam neste lugar das trevas (ou nas trevas desse lugar), mas que *São Miguel, Vosso divino porta-estandarte, as guie ao lugar da santa luz, que outrora prometestes a Abraão e à sua posteridade* (1).

Nas Missas da *Dedicação* (a 29 de Setembro) e da *Aparição* de São Miguel (a 8 de Maio), reza-se: na «Oração»: Deus. [...] concedei-nos propício que sejamos protegidos durante a vida na terra por aqueles que, servindo-Vos no Céu, gozam sempre da Vossa companhia;—após a «Epístola»: *São Miguel Arcanjo*, defendei-nos neste combate, a fim de que não pereçamos no dia do Juízo tremendo; o mar ficou agitado e a terra tremeu, quando *São Miguel* desceu do Céu (2); no *Post-Communio*: Confiado na *intercessão do Vosso Beato Arcanjo São Miguel*, Senhor, oferecemo-Vos as nossas humildes súplicas, para que a nossa alma alcance o que a nossa boca pede (3); na «Secreta»: Oferecemo-Vos humildemente que aceiteis com indulgência, pela intercessão do Vosso Santo Anjo . . . (4).

(1) Cfr. Daniel: *Princeps magnus* (XII, 1); *Apocalipse: nunc facta est salus, & virtus* . . . (XII, 10).

(2) Referência à vitória de São Miguel sobre Satã (Daniel, XII, 1; *Apocalipse*, XII, 7-10; São Judas, 9; etc.).

(3) Recordem-se os painéis das Almas e das «Alminhas», com a imagem do Arcanjo a salvar as almas e a conduzi-las ao Céu.

(4) *Psycopompo*: era para os pagãos o guia e condutor de almas; foram-no Apolo (o Sol, deus da luz), Mercúrio (protector dos caminhos e guia dos viandantes), Orfeu (guia de

No final da Missa, as «orações leoninas» (de Leão XIII) imploram: — *São Miguel Arcanjo*, defendei-nos neste combate, sede o nosso auxílio contra as maldades do demónio [...] e vós, *Príncipe da milícia celeste*, pela graça do poder divino, lançai no inferno a Satanás e aos outros espíritos malignos, que andam pelo mundo para a perdição das almas.

Na *Antífona*, das orações em acção de graças, depois da Missa de São Miguel, pronuncia-se: — *Princeps gloriosissime, Michael Archangele, esto memor nostri: hic et ubique semper precare pro nobis Filium Dei*. (Lembrai-vos de nós: aqui e por toda a parte rogai sempre por nós ao Filho de Deus).

E, nas *Ladainhas* de Todos os Santos, imprecam-se, logo a seguir à Virgem Maria, os Arcanjos por esta ordem: *Sancte Michael, Sancte Gabriel, Sancte Raphael, Omnes sancti Angeli et Archangeli*.

Na Epístola de São Paulo aos Efésios, lê-se: — *In omnibus sumentes scutum fidei, in quo possitis omnia tela nequissimi ignea extinguere* (VI, 16); *Et galeam salutis assumite; & gladium spiritus* (quod este verbum Dei) (17). O que parece interpretar os atributos iconográficos do Arcanjo.

Um livro recente e actual, que foi publicado neste ano de 1956, tem por assunto o que o título bem indica — *Satan, l'adversaire*, de Nicolas Corte (Paris).

Eurídice, que ele foi buscar aos Infernos, para a restituir ao lar), Caronte (barqueiro das almas dos mortos, na travessia das sete voltas do Estígio infernal). Observem-se: — 1.º o significado de Orfeu, com atributos de atracção, que os primitivos Cristãos adoptaram como símbolo de Cristo; — 2.º atributos das divindades pagãs, que foram assumidos por São Miguel, sem intervenção ou presença de águas medicinais; — 3.º atributos semelhantes, assumidos por outros santos.

Por que não havemos de lembrar e meditar, neste mistério dos tempos, a *Epístola* de S. Paulo aos Efésios? [...] *dispensatio sacramenti absconditi a saeculis in Deo* (III, 19) [...] *ut possitis comprehendere cum omnibus sanctis, quae sit latitudo, & longitudo, & sublimitas, & profundum* (III, 18) [...] *scire etiam supervenientem scientiae charitatis Christi* (III, 19).



S. MIGUEL

*Escultura de calcáreo, da capela de S. Miguel de Odrinhas
(séc. XV), actualmente no Museu daquela localidade*

(Fotografia cedida pelo Sr. Prof. Joaquim Fontes)



S. MIGUEL

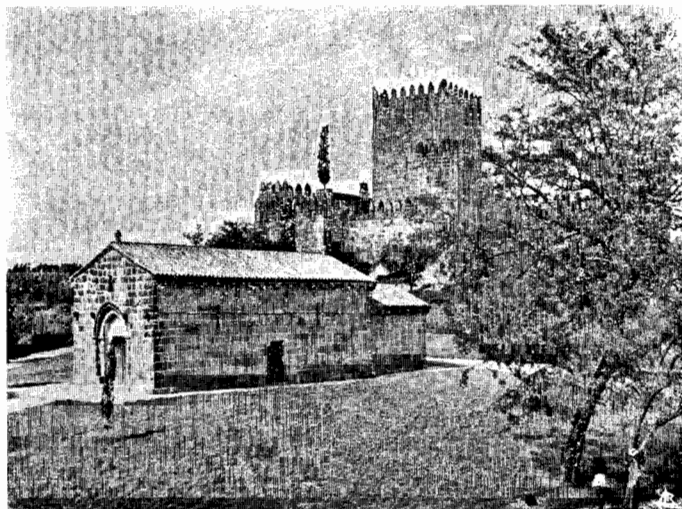
Pintura de Guido Reni (Roma, séc. XVI)



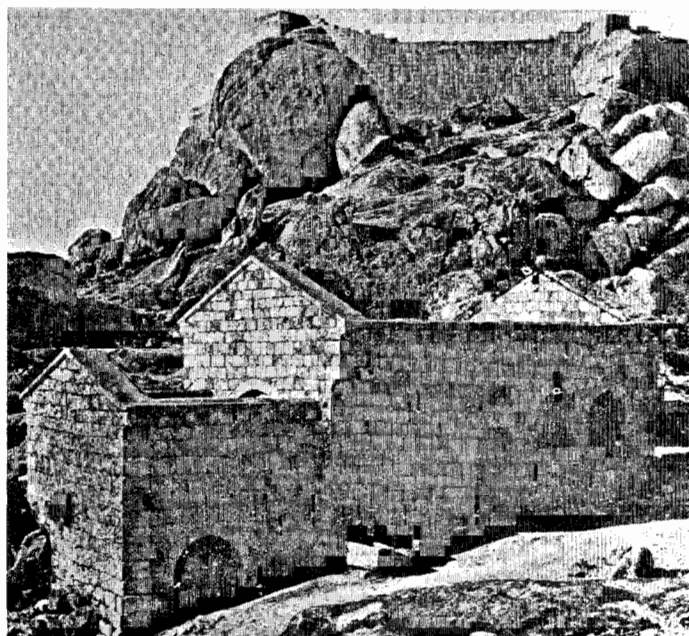
S. MIGUEL

*Escultura de barro colorido (séc. XVIII) do Museu Nacional
de Arte Antiga (Lisboa)*

(Fotografia cedida pelo Museu Nac. de Arte Antiga)



Capela românica de S. Miguel do Castelo (Guimarães)



*Capela românica de S. Miguel, no Castelo de Monsanto
(Idanha-a-Nova, Beira Baixa)*

(Fotografias cedidas, respectivamente, pela Sociedade
Muitas das fotografias foram cedidas por...

Igrejas, capelas, ermidas, altares, nichos, por toda a parte, desde os princípios heróicos do Cristianismo até nossos dias, de Fé em verdade não menos heróica, têm sido construídos, e neles dominam esculturas e pinturas do Arcanjo. Nos painéis das «Alminhas» difundiu-se, por todos os recantos, a imagem do guia e salvador das almas.

A conquista do território para a fundação do Reino de Portugal renovou a crença e a fé na protecção de São Miguel; a luta era então com os Muçulmanos, guerra de religião, em cruzada de Cristo. Nos castelos, nas alcáçovas reais, como foi nas de Lisboa e Santarém, os Reis fundavam capelas em honra do Santo. A capela de São Miguel do Castelo, de Guimarães, anda ligada ao baptismo do fundador do Reino, que ergueu as de Lisboa e Santarém, acabadas de conquistar aos Mouros. A capela de São Miguel no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra equivale ao mesmo desígnio real. Castelos, como o de Monsanto da Beira, elevaram templos ao Chefe das milícias celestes, a quem D. Afonso Henriques pedira a guia e a segurança. Como em Santa Cruz, também a Abadia de Santa Maria de Alcobaça reservou altar ao Arcanjo: num e outro santuário de fundação régia, lá estava o Arcanjo implorado.

Muitos santuários miguelinos provirão desses tempos e, como anteriormente, por influência igual, outros surgiram, na formação de freguesias novas e na fundação de mosteiros (1).

(1) Da doação de 897, feita em São Salvador da Labra, mosteiro próximo do mar na comarca do Porto, consta que Gondesindo e sua mulher Enderquina Pala fundaram três mosteiros, entre eles o de *São Miguel de Azevedo*. Viterbo, *Elucidário*, vol I, p. 52. Em Lobrigos, conc.º de Peso da Régua (Trás-os-Montes) foi fundado em 1191 um mosteiro por D. Martinho Pires, Bispo do Porto, que já o requerera antes de 1190, segundo as Inquirições de D. Afonso III, *Elucidário*, vol. I, pág. 308. Em 1530, Fr. Brás de Barros, reformador dos Crúzios, fundou dois colégios: o de *São Miguel* e o de Todos os Santos, destinados a aulas do Mosteiro (de Santa Cruz): Borges de Figueiredo, *Coimbra Antiga e Moderna*, Lisboa, 1886, pág. 299. Houve nas proximidades de Óbidos o Convento de São Miguel das Gaeiras.

3 — Iconografia de São Miguel:

A iconografia de São Miguel tem unidade de expressão na unidade dos atributos do Arcanjo, procedentes da vitória sobre Satã e da função de salvador e guia das almas, que essa vitória lhe proporcionou.

Quatro tipos iconográficos representam essencialmente a figuração arcangélica; a eles podem reduzir-se todas as representações, se considerarmos por fim um tipo misto, com elementos dos quatro, bem característicos, a saber:

- o de São Miguel em combate com Satã;
- o de São Miguel em atitude de vencedor;
- o de São Miguel em socorro das almas do Purgatório;
- o de São Miguel em atitude de pesar as almas, com a balança na mão.

O tipo misto será o da combinação destes tipos entre si.

O 1.º é o mais próximo dos textos sagrados: São Miguel em combate: «*Michael, & Angeli eius proeliebantur cum dracone, & draco pugnabat, & angeli eius*» (Apocalipse). A representação limita-se à luta entre os dois chefes combatentes, no momento em que São Miguel subjuga Satã, lhe pisa o corpo, e o encadeia. — *Manet enim Angelus Domini, gladium habens* (Daniel, XIII, 59).

Exemplos: — escultura de pedra, que pertenceu ao santuário de São Miguel de Odrinhas: o Arcanjo, alado, mete a lança na boca do *draco*, prostrado a seus pés. (Séc. xv) (1). Está hoje no Museu de

(1) A imagem esteve na «Exposição de Arte Sacra do Concelho de Sintra», organizada pela Câmara Municipal e pelo Instituto de Sintra, na Igreja de Santa Maria da Vila, em 1955; o respectivo catálogo foi apresentado pelo Prof. Joaquim Fontes, membro da vereação municipal de Sintra; nele teve a imagem o n.º 9. Aludiu a esta escultura, em 1914, Félix Alves Pereira, com estas palavras: — «No camarim do trono [da capela de Odrinhas], a um recanto, estava abandonada a estátua medieval de S. Miguel, de calcáreo; as feições

São Miguel de Odrinhas; — o quadro de Guido Reni (Roma, séc. xvi): entre chamas, Satã está sob os pés do Arcanjo, que lhe calca, vitorioso, a cabeça, e brande a espada; na igreja da Graça em Setúbal, o painel da sua capela representa o Arcanjo com a mesma execução de Guido Reni, também com as cadeias na mão esquerda, para encadear o vencido (óleo do séc. xviii), e no Museu de Arte Antiga, em Lisboa, uma imagem de barro colorido (séc. xviii), ostenta a mesma inspiração, só lhe faltando as cadeias na mão, que as devia ter tido.

Peter Breughel representou o Arcanjo em combate, rodeado de figuras fantásticas e caricaturais. Gaspar Vaz, no Mosteiro de São João de Tarouca, e Garcia Fernandes, na Sé de Évora, e outros pintores, nossos e estrangeiros, do séc. xvi, seguiram o tipo artístico, sem inspiração em Guido Reni.

A estátua de Odrinhas envolve o corpo de São Miguel em um manto; as outras representações vestiram-lhe a armadura, que na estátua de barro é ricamente lavrada.

O 2.º ainda se funda nos textos evangélicos: São Miguel, vencedor na luta, surge como guardião celeste e condutor das almas aos páramos da salvação: *Verumtamen annuntiabo tibi quod expressum est in scriptura veritatis: & nemo est auditor meus in omnibus his, nisi Michael princeps vester* (Daniel, X, 21).

Um «registo de santo», gravado por Manuel da Silva Godinho (séc. xviii), apresenta o Arcanjo de pé, nas nuvens, de armadura e manto, capacete emplumado, com o estandarte da SS. Trindade, seguro na mão esquerda, a apontar com a direita ao alto o símbolo resplandecente da Trindade soberana (1).

parecem acusar um tipo flamengo. Esta bela estátua, a que falta uma das mãos [...]. A sua altura é de 0,75. «*O Archeólogo Português*», vol. XIX, pág. 344. O Catálogo da Exposição dá-lhe 0,73 de altura. (Pág. 9, n.º 9).

(1) O registo foi editado «Em caza de Fr[ancis].co [Manu],el no fim da Rua do Passeio Lxª»; em outros registos da mesma casa é indicada a «Rua Direita do Passeio» e

Uma escultura estatuária do artista português Numídico Bessone (Lisboa) interpreta o Arcanjo vitorioso, de pé, com armadura vestida, cabeça nua, espada flamejante, de ponta à terra, após o combate; ergue fortemente o braço direito e aponta o Céu bem alto; esta estátua foi colocado em Ponta Delgada (Açores), em frente do edifício dos Paços do Concelho; a Ilha de São Miguel recebeu este nome, por ter sido descoberta no dia 8 de Maio de 1444, festa litúrgica da comemoração solene da Aparição do Arcanjo, que foi tomado por padroeiro da ilha.

O 3.º representa a descida do Arcanjo ao Purgatório, para resgate das almas, julgadas limpas de mácula, e sua condução ao Paraíso; entre as chamas, as almas suplicam, de mãos ao alto, o socorro esperado. Nas Missas de *Requiem*, implora-se a Deus pelas almas, e roga-se: «São Miguel, Vosso divino porta-estandarte, as guie ao lugar da santa luz».

O Arcanjo com o estandarte encimado pela cruz, — ou com a haste crucífera sem o lábaro, desce ao encontro dessas almas. *Michael, salutis signifer* (Do Hino ao Arcanjo).

No grande painel do Juízo Final, do Monogramista V. A., São Miguel está na parte inferior, ao centro, em busca das almas destinadas ao Céu; na mão esquerda segura a longa haste rematada em cruz, e estende a direita às almas, que vai guiar (séc. XVI): no Museu Nacional de Arte Antiga: Visão do Juízo Final, como o descreve São Mateus (*Evangelho*, XXV, 31-46).

Este tipo e o imediato são os que formaram os painéis das Almas e das «Alminhas». Visão do Purgatório: — *Archangele Michael, constitui te principem super omnes animas suscipiendas* (Salmo festivo).

«Rua Oriental do Passeio Publico». Vid. Luís Chaves, «Registos de Santos» em *O Archeólogo Português*, vol. XXII (1917), pág. 374 (nota de «registos» do Santo), vol. XXV (1921 e 1922), pág. 158 (nota do gravador M. da S. Godinho) e 175 (nota da casa editora e seu arruamento).

No 4.º tipo surgem as balanças da Justiça divina, pendentes da mão do Arcanjo. Condutor e guia, chefe da milícia celeste, capitão-general de todos os anjos, *Praepositus Paradisi, — quis ut Deus?* — a ele cabe a missão funcional de transmitir os designios da Justiça divina, cumpri-los, e conduzir ao Paraíso os resgatados e os eleitos do Senhor.

Immittet Angelus Domini in circuitu timentium eum: & eripiet eos. (Lib. Psalmorum, XXXIII, 8).

Nas imagens de Diogo Pires, o Moço ⁽¹⁾, e da Escola Coimbrã (no Museu Nacional de Arte Antiga), o Arcanjo tem na mão a balança: na primeira, pendente da mão esquerda, sobressai uma alma de cada um dos pratos, fundos; na segunda, em a atitude serena de pausa, descansa ao alto na mão direita a lança, e tem à sua frente o escudo, assente no chão, encostado verticalmente, com o amparo da mão esquerda, que também segura a balança; desta, escondida por trás do escudo, saem lateralmente dele os braços com as almas. (Séc. xv-xvi).

O quadro de Garcia Fernandes, da Igreja de São Francisco de Évora, apresenta São Miguel a brandir a espada com a mão direita, e com a balança na outra mão. Na porta do côro da Sé de Évora, o Arcanjo apresenta o mesmo tipo iconográfico (1562).

Aqui está a balança da pesagem, nas mãos do salvador das almas, a razão por que os boticários (farmacêuticos) tinham nas suas lojas a imagem de São Miguel, facto que levou ainda Leite de Vasconcelos a relacionar o Arcanjo com um Endovélico, deus da saúde. O Santo vigiava a salvação das almas; os boticários com as drogas e os remédios, que aviavam, tinham por missão vigiar pela saúde dos corpos, atingidos pelas doenças e achaques. Os boticários arregimentavam na bandeira de São Miguel; sob o patrocínio dele, viam-no em imagem nos nichos das boticas, de balança na mão, como estava no estandarte do officio a que pertenciam. Nada, pois,

(1) Pertence às colecções de Arte do Sr. Ernesto de Vilhena (Lisboa): Reinaldo dos Santos, *A Escultura em Portugal*, vol. I, Lisboa, 1948, Est. CXLVI.

de conivências com o Paganismo, nem, no caso, ressaibos dele (1).

Também a imagem de Santo António, que o mesmo autor, Leite de Vasconcelos, viu em nichos, à porta de mercearias da Beira e do Norte (2), nada tem com o culto de Mercúrio, embora este fosse protector do comércio, e o Taumaturgo português nunca tivesse afinidades com operações mercantis. As expressões correntes «Santo António, onde te porei eu?» — «Valha-me (ou valha-te) Santo António» e semelhantes, comprovam apenas o culto popular de Santo António, tão querido ainda hoje do povo português. São Miguel ainda veio suplantar divindades pagãs e substituí-las nos lugares e funções, que exerciam nas crenças e nas suas práticas; era-lhes anterior (Escrituras Sagradas); Santo António foi muito posterior, e, se prègou e milagrou o mundo do seu tempo, não substituiu em plena Idade Média (séc. XIII) nenhuma divindade. Onde Hades — Mercúrio ou Esculápio estiveram como psicopompos, deuses subterrâneos, deuses da saúde, *genii locorum*, ficou a impor-se-lhes, vitorioso, como o fôra de Satã, o Arcanjo, — *Decorus est Sol, sed excelsior Archangelus* (São Crisóstomo), — *Secundum lumen est Angelus, primi illius luminis quasi rivulus* (São Tomás).

O tipo misto da iconografia de São Miguel compreenderia as representações, em que se combinassem alguns, dois a dois ou a três, os símbolos contidos nos tipos definidos, simultaneamente o Arcanjo a

(1) São Cosme e São Damião foram os padroeiros da corporação de médicos e cirurgiões; *São Miguel* o dos boticários. Outros officios embandeiraram com os boticários: em Lisboa, chapeleiros, sombreiros, azevicheiros e confeitores; em Coimbra, ataqueiros e cereeiros. Na organização ou regulamento da Procissão de *Corpus Christi*, desta Cidade, em 1517, os ataqueiros eram obrigados a «fazer sam Miguel e dous diaboos grandes todo bem feito e corregido e como cumpre pera tall auto e sua bandeira boa. E ham dir apolos cereeiros e com estes vão os *boticarios*»: — Borges de Figueiredo, *Coimbra Antiga e Moderna*, Lisboa, 1886, pág. 289.

(2) *Boletim de Etnografia*, n.º 1, Lisboa, 1920, pág. 36.

combater o dragão, já vencido a seus pés, em pleno flamejar, rodeante das almas, e com a balança na mão, forma frequente nos retábulos de altar das almas, ou o Arcanjo, sem a presença de Satã, e de pé, com a espada ou o estandarte em punho, sobreposto às almas implorantes, feição vulgarmente adoptada (1).

Apareceram, sem dúvida, figurações divergentes na forma, todavia concordes nos atributos do Arcanjo, sempre o Príncipe dos anjos, a quem São Paulo, na Epístola 1.^a aos Hebreus, imprecava: *Omnes sunt administratorii Spiritus, in ministerium missi propter eos, qui haereditatem capient salutis* (I, 14). Foi, porém, obedecida a ideia essencial.

Conforme com os hábitos medievais, também São Miguel era representado junto dos senhores, que o tomavam por patrono; é o caso do quadro de Joan Van Eyck, da igreja de Or San Michel, em Florença: o doador, ajoelhado, volta-se para a direita; por trás, o Arcanjo, de pé apoia a mão protectora no ombro direito do homem, e segura a lança; tem o elmo na outra mão.

4 — São Miguel nas freguesias (cidades e rurais) e na toponímia.

Não é fácil formar a lista completa das paróquias portuguesas, que têm o Arcanjo São Miguel por padroeiro, nem tão pouco a dos topónimos miguelinos. Há lugares que, da existência de capela antiga ou moderna, dedicada ao Arcanjo, tiraram o seu

(1) Em Póvoa Velha, freguesia do concelho de Seia (Prov. da Beira Alta), há uma capelinha rural, com alpendre; o retábulo de São Miguel apresenta o Arcanjo, com a balança na mão direita, a calcar aos pés Satanaz (tipo mixto, pois). A quem vai à Póvoa, diz o povo: — Vais à terra onde está o Diabo? — P.^e José Quelhas Bigotte, *Monografia da Villa de Seia — História e Etnografia*, — Lisboa, 1945, pág. 164.

topónimo, e outros cujo topónimo se reduziu à capela ou ermida, em que foi venerado: nestes, o nome reduz-se ao local do santuário.

Dos lugares em que a veneração perdura, uns têm sede de freguesia; outros não, e por isso pertencem à jurisdição eclesiástica de freguesia em cujo território assentam. Sedes de freguesia têm por orago São Miguel; incluem-lhe a invocação toponímica ou falta a referência, o que não quer dizer que a não tivessem claramente indicado, como sucede hoje a muitas, que ora o referem, ora não. O facto de lugares com o topónimo simples de «São Miguel» não formarem freguesia, pode não indicar terem sido cabeça de uma; o topónimo delas não impõe à freguesia, a que pertencem, tomar o Arcanjo por padroeiro; existem esses lugares com o nome, que lhes vem de mais ou menos longe.

O topónimo, além de se aplicar a lugares habitados, aparece também em lugares ermos, principalmente em elevações onde há ruínas de castros, cidades, citânias, vestígios de santuários pagãos, etc. Monte de São Miguel e São Miguel do Monte (Fafe), Monte de São Miguel e Castro de São Miguel (Amêndoa: Mação), São Miguel-o-Anjo, castros em Arcos de Valdevez e Vila Nova de Famalicão (freg. de Delães), São Miguel da Mota (Alandroal), etc.

Na mesma região, lugares de nome comum distinguem-se pelo orago; em Vizela opõem-se São João das Caldas e São Miguel das Caldas, ambas no mesmo concelho de Guimarães (Minho) (1).

No mesmo concelho, se há mais de uma freguesia com o topónimo de São Miguel, distinguem-se

(1) Ainda na zona de Vizela, dividida pelos concelhos de Guimarães e Felgueiras, existem topónimos comuns; no de Guimarães, além de São João das Caldas e de São Miguel há também Vizela, com o orago de São Faustino, que, se fosse necessário, ou, se o é, seria São Faustino de Vizela, a par dos anteriores topónimos; no concelho de Felgueiras são dois os topónimos de Vizela: Santo Adrião de Vizela e São Jorge de Vizela.

correntemente pelo nome não comum; assim, em Vila Nova de Famalicão (Minho), há duas freguesias de orago miguelino: São Miguel das Aves e São Miguel de Seide; em Guimarães, São Miguel de Vizela; para evitar confusões, os nomes reduzem-se a Aves, Seide, Vizela, quando se não queira enunciar por inteiro a denominação oficial. No mesmo concelho, o lugar de São Miguel não forma freguesia, e pertence à de Calendário; para este não há outra maneira de o nomear, porque é São Miguel e mais nada. O mesmo se dá em outros concelhos, como em Braga, Guimarães (onde na própria cidade há a histórica e notável capela de São Miguel do Castelo), e mais.

Por tendência de encurtar os nomes, para facilitar conversa, a redução opera-se, mesmo que não haja perigo de equívocos: São Miguel das Cardosas (Sobral de Monte Agraço) ora é São Miguel, ora Cardosas.

Eja (Penafiel) tinha por orago Santa Maria; São Miguel de Entre-os-Rios, ou Entre-os-Rios, como é conhecida esta importante estação hidrológica, tinha o orago indicado no topónimo integral; Eja foi anexada à outra freguesia, e reuniram-se os dois padroeiros (Santa Maria e São Miguel).

A lista, que segue, não pode ser mais que provisória; mesmo assim, é concludente.

*

Província do Minho:

São Miguel: apenas o nome do orago no topónimo de povoações, que não são sede de freguesia: nos concelhos de: Braga (freguesias de Cabreiros e de Figueiredo), Fafe (freg. de Silvares) Guimarães (freg. de Serzedelo), Melgaço (freg. de Paderne), Vila Nova de Famalicão (freg. de Calendário), Vila Verde (fregs. de Azões, Cervães, e Lage).

São Miguel das Aves, ou só Aves (conc.º de Vila Nova de Famalicão), *São Miguel de Azevedo*, ou só Azevedo (conc.º de Caminha); *São Miguel*

de Cabreiros, ou só Cabreiros (conc.º de Braga) e São Miguel (ver na lista anterior); *São Miguel da Carreira*, ou só Carreira (conc.º de Barcelos); *São Miguel de Creixomil*, ou só Creixomil (conc.º de Guimarães); *São Miguel de Cristelo*, ou só Cristelo (conc.º de Paredes de Coura); *São Miguel de Entre Ambos os Rios*, ou só Entre Ambos os Rios (conc.º de Ponte da Barca); *São Miguel de Fontoura*, ou só Fontoura (conc.º de Valença); *São Miguel de Gémeos*, ou só Gémeos (conc.º de Celorico de Basto); *São Miguel de Loureda*, ou só Loureda (conc.º de Arcos de Valdevez); *São Miguel de Messegães*, ou só Messegães (conc.º de Monção); *São Miguel do Paraíso*, ou só Paraíso (conc.º de Guimarães); *São Miguel de Refoios de Basto*, ou só Refoios (conc.º de Cabeceiras de Basto); *São Miguel de Sago*, ou só Sago (conc.º de Monção); *São Miguel de Seide*, ou só Seide (conc.º de Vila Nova de Famalicão); *São Miguel de Vizela*, e *São Miguel das Caldas* (conc.º de Guimarães) (1); *São Miguel do Monte*, ou só Monte (conc.º de Fafe); *São Miguel do Prado*, ou só Prado (conc.º de Vila Verde); *São Miguel-o-Anjo*, castro na freguesia de Delães (conc.º de Vila Verde); *São Miguel-o-Anjo*, castro, na freguesia de Ázere (conc.º de Arcos de Valdevez).

Freguesias com o orago de São Miguel, sem indicação dele nos topónimos:

Alvarães (conc.º de Viana do Castelo), *Apúlia* (Esposende), *Aves* (ou São Miguel das Aves, na lista anterior: Vila Nova de Famalicão), *Azevedo* (ou São Miguel de Azevedo, na lista anterior: Caminha), *Bárrio* (Ponte do Lima), *Beire* (Paredes de Coura), *Boivões* (Ponte da Barca), *Cabaços* (Ponte do Lima), *Cabreiros* (ou São Miguel de Cabreiros, na lista anterior: Braga), *Caçarilhe* (Celorico de Basto),

(1) Para distinguir: São João das Caldas de Vizela e São Miguel das Caldas de Vizela, cada freguesia da região com seu orago próprio.

Campo (Póvoa de Lanhoso), *Carreira* (ou São Miguel da Carreira, na lista anterior: Barcelos), *Carreiras* (Vila Verde), *Carvalho* (Celorico de Basto), *Chorrente* (Barcelos), *Creixomil* (ou São Miguel de Creixomil, na lista anterior: Guimarães), *Cristelo* (ou São Miguel de Cristelo, na lista anterior: Paredes de Coura), *Cunha* (Braga), *Entre Ambos os Rios* (ou São Miguel de Entre Ambos os Rios, na lista anterior: Ponte da Barca), *Espinho* (Braga), *Facha* (Ponte do Lima), *Fiscal* (Amares), *Fontoura* (ou São Miguel de Fontoura, na lista anterior: Valença), *Frossos* (Braga), *Gêmeos* (ou São Miguel de Gêmeos, na lista anterior: Celorico de Basto) *Gemezes* (Esposende), *Gemieira* (Ponte do Lima), *Gonça* (Guimarães), *Gondufe* (Ponte do Lima), *Guimarães* (na Cidade, na área do castelo, houve a freg.^a do Castelo), *Guisande* (Braga), *Jesufrei* (Vila Nova de Famalicão), *Loureda* (ou São Miguel de Loureda, na lista anterior: Arcos de Valdevez), *Marinhas* (Esposende), *Messegães* (ou São Miguel de Messegães, na lista anterior: Monção), *Monte* (ou São Miguel do Monte, na lista anterior: Fafe), *Morreira* (Braga), *Oriz* (Vila Verde), *Paraíso* (ou S. Miguel do Paraíso na lista anterior: Guimarães), *Paredes Secas* (Amares), *Passô* (Vila Verde), *Pêrre* (Viana do Castelo), *Prado* (ou São Miguel do Prado, na lista anterior: Vila Verde), *Refoios* (ou São Miguel de Refoios de Basto, na lista anterior: Cabeceiras de Basto), *Roriz e Quiraz* (Barcelos)⁽¹⁾, *Sago* (ou São Miguel de Sago, na lista anterior: Monção), *Sapardos* (Vila Nova de Cerveira), *Seide* (ou São Miguel de Seide, na lista anterior: Vila Nova de Famalicão), *Serzedelo* (Guimarães), *Soutelo* (Vila Verde), *Taide* (Póvoa de Lanhoso), *Vila Franca* (Viana do Castelo), *Vilar de Murteda* (Id.), *Vilela* (Póvoa de Lanhoso).

(1) Roriz e Quiraz formam uma freguesia, proveniente da anexação das duas, indicadas pelos dois nomes do topónimo actual: a freguesia tomou os oragos das antecedentes; O Salvador e São Miguel.

*

*Provincia do Douro Litoral:**São Miguel:*

nos concelhos de *Amarante* (freg.^{as} de Fregim e de Travança), *Feira* (freg.^a de Lobão), *Gondomar* (na sede do conc.^o), *Vila Nova de Gaia* (freg.^a de Olival).

São Miguel de Entre-os-Rios, ou só *Entre-os-Rios* (conc.^o de Penafiel), *São Miguel do Couto*, ou só *Couto* (conc.^o de Santo Tirso), *São Miguel do Mato* (conc.^o de Arouca), *São Miguel-o-Anjo* (conc.^o de Vila Nova de Gaia).

Freguesias:

Anreade (conc.^o de Resende), *Arcos* (Vila do Conde), *Arcozelo* (Vila Nova de Gaia), *Argivai* (Póvoa de Varzim), *Bagunte* (Vila do Conde), *Bairros* (Castelo de Paiva), *Baltar* (Paredes), *Barreiros* e *Barreiros da Maia* (Maia), *Beire* (Paredes), *Borba de Godim* (Felgueiras) ⁽¹⁾, *Bostelo* (Penafiel), *Canelas* (Arouca), *Couto* (ou *São Miguel do Couto*, na lista anterior: Santo Tirso), *Eja* (Penafiel) ⁽²⁾, *Freixo de Cima* (Amarante), *Gandra* (Paredes), *Lama* (Santo Tirso), *Laundos* (Póvoa de Varzim), *Leça da Palmeira* (Matosinhos), *Nevogilde* (Id.), *Oliveira do Douro* (Cinfães), *Paredes* (Penafiel), *Rãs* (Id.), *Rebordosa* (Paredes), *Rio de Galinhas* (Marco de Canaveses), *Santagões* (Vila do Conde), *Silvares*

(1) A um incidente de jurisdição, entre o Abade de São Miguel de Borba de Godim e D. Gomes Mendes Gedeon, se refere um documento medieval a que alude Santa Rosa de Viterbo no seu *Elucidário*: vol. I, pág. 308 (s. v. «cor»).

(2) A anexação das freguesias de Eja (Santa Maria) e de São Miguel de Entre-os-Rios (São Miguel), provocou a reverente junção dos dois oragos, de forma que o orago de Eja passou a ser de Santa Maria e São Miguel. Facto semelhante surgiu em casos idênticos.

(Lousada), *Urró* (Arouca), *Urró* (Penafiel), *Varziela* (Felgueiras), *Vilarinho* (Santo Tirso), *Vila Caiz* (Amarante).

*

Provincia de Trás-os-Montes e Alto-Douro:

São Miguel de Três Minas ou Tresminas, ou só Três minas e Tresminas (conc.º de Vila Pouca de Aguiar).

Freguesias:

Agro Bom (conc.º de Alfândega da Fé), *Armar* (na sede do conc.º), *Assares* (Vila Flor), *Avi-dagos* (Mirandela), *Bobadela* (Boticas), *Curros* (Valpaços), *Espadanedo* (Macedo de Cavaleiros), *Felgar* (Moncorvo), *Fiães* (Valpaços), *Figueira* (Mogadouro), *Fontelas* (Peso da Régua), *Frechas* (Mirandela), *Freixo de Espada à Cinta* (na sede do concelho), *Linhares* (Carrazeda de Ancieães), *Lobrigos* (Santa Marta de Penaguião), *Nogueira* (Chaves), *Outeiro Sêco* (Id.), *Palaçoulo* (Miranda do Douro), *Paradinha Nova* (Braganca), *Pena* (Vila Real), *Poiares* (Peso da Régua), *Riodades* (São João da Pesqueira), *Santa Marta de Penaguião* (na sede do concelho), *Soutelo Mourisco* (Macedo de Cavaleiros), *Talhas* (Id.), *Três Minas* ou Tresminas (ou São Miguel de Três Minas, na lista anterior: Vila Pouca de Aguiar), *Vila Boa* (Vinhais), *Vila Verde* (Id.), *Vilar de Perdizes* (Montalegre) (1), *Vilarinho dos Galegos* (Mogadouro).

(1) O concelho de Montalegre tem duas freguesias com o nome de Vilar de Perdizes: uma com o orago de São Miguel, outra com o de Santo André.

*

*Província da Beira Alta:**São Miguel:*

no concelho de *Santa Comba Dão* (freg. de São João de Areias).

São Miguel de Jarmelo, ou só Jarmelo (conc.º da Guarda), *São Miguel de Vila Boa*, ou só Vila Boa (conc.º de Sátão), *São Miguel do Mato* (conc.º de Vouzela), *São Miguel do Outeiro*, ou só Outeiro (conc.º de Tondela).

Aldeia de São Miguel (conc.º de Seia, freg.^a de Santa Comba de Seia).

Freguesias:

Aldeia do Bispo (conc.º de Sabugal), *Antas de Penedono*, (Penedono), *Bodiosa* (Viseu), *Bogalhal* (Pinhel), *Campia* (Vouzela), *Caparrosa* (Tondela), *Cogula* (Trancoso), *Colmeal* (Figueira de Castelo Rodrigo), *Escarigo* (Id.), *Fail* (Viseu), *Fornos de Algodres* (na sede do conc.º), Fornos de Macieira Dão (Mangualde), *Jarmelo*, ou São Miguel de Jarmelo, na lista penúltima: Guarda), *Lageosa* (Tondela), *Lazarim* (Tarouca), *Malhada Sorda* (Sabugal), *Mamouros* (Castro Daire), *Marmeleira* (Mortágua), *Mezio* (Castro Daire), *Muxagata* (Fornos de Algodres), *Nagosa* (Moimenta da Beira), *Oliveirinha* (Tábua), *Paços da Serra* (Gouveia), *Parada* (Santa Comba Dão), *Peravelha* (Moimenta da Beira), *Queirã* (Vouzela), *Ribeiradio* (Oliveira de Frades), *Sobral* (Mortágua), *Vila Boa* (ou São Miguel de Vila Boa, na penúltima lista: Sátão), *Vila Pouca da Beira* (Oliveira do Hospital), *Vilar de Amargo* (Figueira de Castelo Rodrigo).

*

Província da Beira Baixa:

São Miguel de Acha, ou só *Acha* (conc.º de *Idanha-a-Nova*).

Freguesias:

Acha (ou *São Miguel de Acha: Idanha-a-Nova*), *Castelo Branco* (na sede do conc.º), *Ninho do Açor* (*Castelo Branco*), *Sobral* (*Covilhã*), *Valverde* (*Fundão*).

*

Província da Beira Litoral:

São Miguel:

no concelho de *Leiria* (freg.^a de *Souto da Carpalhosa*).

Casal de São Miguel: conc.º de *Vila Nova de Ourém*, *Escampado de São Miguel*: conc.º de *Ancião*.

Freguesias:

Celavisa (conc.º de *Arganil*), *Coimbrão* (*Leiria*), *Coja* (*Arganil*), *Colmeias* (*Leiria*), *Fermelã* (*Estarreja*), *Foz de Arouce* (*Lousã*), *Liceia* (*Montemor-o-Velho*), *Junqueira* (*Vale de Cambra*), *Oliveira do Bairro* (*Id.*) *Penela* (*Id.*), *Poiares* (*Id.*), *Recardães* (*Águeda*), *Ribeiro de Frades* (*Coimbra*), *Sóza* (*Vagos*), *Travassô* (*Águeda*), *Vila Nova de Monsarros* (*Ana Vilarinho do Bairro* (*Id.*)).

*

Província do Ribatejo:

São Miguel do Rio Torto, ou só *Rio Torto* (conc.º de Abrantes).

Freguesias:

Carregueiros (conc.º de Tomar), *Ferreira do Zêzere* (na sede do conc.º), *Martinxel* (Abrantes), *Rio Torto* (ou *São Miguel de Rio Torto*: Abrantes).

*

Província da Estremadura:

São Miguel das Cardosas, ou só *Cardosas* (conc.º de Sobral de Monte Agraço), *São Miguel da Serra* (Oeiras), *São Miguel de Odrinhas*, ou só *Odrinhas* (Sintra).

Freguesias:

Alcainça (conc.º de Mafra), *Cardosas* (ou *São Miguel das Cardosas*: Sobral do Monte Agraço), *Juncal* (Porto de Mós), *Lisboa* (na Cidade), ⁽¹⁾, *Milharado* (Mafra), *Odrinhas* (e *São Miguel de*

(1) Vieira da Silva cita um documento episcopal, que se refere a *São Miguel de Alfama*, já indicada a sua igreja nas Inquirições, entre 1209 e 1279: *Dispersos*, ed. da Câmara Municipal de Lisboa, 1954, pág. 245. No altar de Santa Cruz, em Santa Cruz do Castelo, da parte da Epístola, estava a imagem de *São Miguel*; em 1615, foi fundada no templo a «Confraria das bem-aventuradas almas do fogo do purgatório», a que se seguiu, em 1377, a Irmandade de *São Miguel e Almas*: *Ferreira de Andrade, A Freguesia de Santa Cruz da Alcáçova de Lisboa*, Lisboa, 1954, pág. 30.

Odrinhas: Sintra), *Palhacana* (Alenquer), *Sintra* (na vila), (1), *Torres Vedras* (na sede do conc.º), *Vimeiro* (Lourinhã).

*

Província do Alto Alentejo:

São Miguel de Machede, ou só Machede (concelho de Évora).

Freguesias:

Adaval (conc.º de Redondo), *Alagoa* (Portalegre), *Machede* (ou São Miguel de Machede: Évora).

*

Província do Baixo Alentejo:

São Miguel do Pinheiro, ou só Pinheiro (conc.º de Mértola).

Póvoa de São Miguel (conc.º de Moura).

Freguesias:

Pinheiro (ou São Miguel de Pinheiro: Moura), *Póvoa* (ou Póvoa de São Miguel: Moura).

*

Província do Algarve:

Barão de São Miguel (conc.º de Vila do Bispo).

(1) Vila tomada aos Mouros por D. Afonso Henriques, tem três freguesias, de oragos medievais: Santa Maria, São Martinho, e São Miguel. Na igreja de Santa Maria esteve patente em 1954 a exposição de Arte Sacra do Concelho de Sintra, de que fez parte a imagem de São Miguel da freg. de Odrinhas (São Miguel de Odrinhas).

*

*Arquipélago dos Açores:**Freguesias:*

Lages (conc.º de Praia da Vitória, na Ilha Terceira) *Vila Franca do Campo* (na sede do conc.º, na Ilha de São Miguel).

Concelhos a que foram anotados oragos e topónimos de São Miguel:

Abrantes, Águeda, Alandroal, Alenquer, Alfândega da Fé, Amarante, Anadia, Ancião, Arcos de Valdevez, Arganil, Armamar, Arouca, Barcelos, Boticas, Braga, Bragança, Cabeceiras de Basto, Caminha, Carrazeda de Anciães, Carregal do Sal, Castelo Branco, Castelo de Paiva, Castro Daire, Celorico de Basto, Chaves, Cinfães, Coimbra, Covilhã, Esposende, Estarreja, Évora, Fafe, Feira, Felgueiras, Ferreira do Zêzere, Figueira de Castelo Rodrigo, Fornos de Algodres, Freixo de Espada à Cinta, Fundão, Gondomar, Gouveia, Guarda, Guimarães, Idanha-a-Nova, Leiria, Lisboa, Lourinhã, Lousã, Lousada, Macedo de Cavaleiros, Mação, Mafra, Maia, Mangualde, Marco de Canaveses, Matosinhos, Melgaço, Mértola, Miranda do Douro, Mirandela, Mogadouro, Moimenta da Beira, Monção, Moncorvo, Montalegre, Montemor-o-Velho, Moura, Oeiras, Oliveira de Azemeis, Oliveira do Bairro, Oliveira de Frades, Oliveira do Hospital, Paredes, Paredes de Coura, Penafiel, Penedono, Penela, Peso da Régua, Pinhel, Poiares, Ponte da Barca, Ponte do Lima, Portalegre, Porto de Mós, Póvoa de Lanhoso, Póvoa de Varzim, Praia da Vitória, Redondo, Resende, Sabugal, Santa Comba Dão, Santa Marta de Penaguião, Santo Tirso, São João da Pesqueira, Sátão, Seia, Sintra, Sobral de Monte Agraço, Tábua, Tarouca, Tomar, Tondela, Torres

Vedras, Trancoso, Vagos, Vale de Cambra, Valença, Valpaços, Viana do Castelo, Vila do Bispo, Vila de Conde, Vila Franca do Campo, Vila Flor, Vila Nova de Cerveira, Vila Nova de Famalicão, Vila Nova de Gaia, Vila Nova de Ourém, Vila Pouca de Aguiar, Vila Real, Vila Verde, Vinhais, Viseu e Vouzela.

Em muitas destas povoações é rico até á opulência, em quantidade e qualidade, o espólio arqueológico. Seria alongar demasiado este ensaio fazer menção da densidade arqueológica e etnográfica. Sem citar outras publicações, bastaria ao curioso ou interessado a consulta dos trinta volumes de *O Archeólogo Português* (vol. I, publicado em 1895, vol. XXX, em 1956).

Estações arqueológicas, altitudes proeminentes e dominantes em largas perspectivas, nascentes de águas, de aproveitamento mais ou menos antigo, valores etnográficos relacionados com essas poderosas sugestões de antiguidade, sucessos ou lugares relacionados com factos agiográficos, fixaram invocações cristãs, tiveram santuários a eles erguidos, aqui sobre outros de culto pagão, ali fundados para o culto cristão, relacionados ou não com outros anteriores.

Percorrendo-se, no terreno, nas lendas e tradições locais, ou nas notícias literárias, antigas e modernas, as ruínas, sejam de castros, de santuários, balneários, ou de vilas agrárias, de construções isoladas, os lugares, que notícia indefinível fez notável, quer pelo horror da paisagem, quer pelo acidentado que forma altitudes estranhas e precipícios temíveis, as estranhezas de rios, torrentes, lagoas, e outros mistérios da natureza, impostos à incompreensão, à fantasia ou ao terror dos homens, encontramos a cristianização contínua dos factos e dos lugares.

Aí, por toda a parte, o homem, cristão, apelou para as entidades celestes. Se os primeiros cristãos apelaram para São Miguel, e por aí além perduram as provas desse apêlo, os que se lhes seguiam, ou mantinham a tradição, ou variavam os apelos.

Em monumentos da mesma ordem foram diferentes; e, desde Nossa Senhora, em todas as invocações, regionais, de oportunidade, ou sugeridas pelas circunstâncias, a quantos Santos e Santas suscitassem a devoção popular, muitos padroeiros se encontram, e não se lhes podem, na verdade, reconhecer atributos sucedâneos de divindades pagãs. Nem falta São Bartolomeu, dotado de poderes sobre Satanás, e representado com ele preso por correntes, como São Miguel (1).

(1) É possível que, em outra ocasião, se faça o rol, tão completo quanto os elementos colhidos o permitam, destas invocações nos acidentes corográficos e nos lugares pré-históricos.